

**Associação Nacional de História – ANPUH**  
**XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**Algumas Considerações sobre Política e Corrupção na Grécia Antiga**

Ana Livia Bomfim Vieira\*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo identificar e examinar algumas questões relacionadas à prática da corrupção no período Clássico ateniense e como ela se apresenta na documentação textual do período.

**Palavras-Chave:** Atenas, Corrupção, Política

**Resume:** Ce travail a pour objectif d'identifier et d'examiner quelques questions par rapport la pratique de la corruption à l'époque classique athénienne et comme elle se présente dans la documentation textuelle du période.

**Palavras-Chave:** Athènes, Corruption, Politique

Este trabalho apresenta-se como uma reflexão inicial a respeito de uma prática muito presente na política nos dias de hoje, mas que pode ser identificada também na antiguidade: a corrupção. Esta reflexão faz parte de um projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo associado ao grupo de pesquisa em História Antiga e medieval – Mnemosine – da Universidade Estadual do Maranhão. E é claro que o estímulo e o interesse por este tema não está, em absoluto, desvinculado de nossas preocupações cotidianas.

As notícias nos surpreendem quase que diariamente nos jornais e na televisão. A venda de votos, a troca de favores políticos, o pagamento de "propina", o favorecimento de terceiros em processos de licitação são assuntos que fazem parte do nosso cotidiano. Tudo isso faz parte do que nós chamamos de corrupção. E por que não nos perguntar sobre como os Atenienses encararam este problema?

Primeiramente, abordaremos alguns aspectos do momento ao qual nos referimos, nomeadamente o IV século <sup>a</sup>C, e sobre a construção do ideal de cidadão ateniense. E com este ideal que a prática da corrupção vai colidir.

**A Guerra do Peloponeso e os valores democráticos**

Durante o Período Clássico, Atenas viveu sob o sistema de governo criado e desenvolvido por ela, a Democracia. Importante lembrar que Atenas foi a única *pólis* democrática da antiguidade grega. Neste sistema, o ideal era o da participação dos cidadãos

\* Professora Doutora de História Antiga da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

na política e isso se dava com a participação ativa na Assembléia votando as leis e as decisões que entrariam em vigor. Um bom cidadão –*polites*– ateniense era aquele que estava preocupado com os outros cidadãos, ou seja, com a sua comunidade. Contudo, este ideal de unidade, de coesão social, entra em desagregação no final do V século, entre outros fatores, por conta da Guerra do Peloponeso.

A Guerra do Peloponeso aponta para um momento de crise da *pólis* de Atenas como a grande senhora dos mares, a *pólis* hegemônica por excelência. O conflito que se dá entre Esparta e suas aliadas (formando a Liga do Peloponeso) e Atenas e suas aliadas (Liga de Delos) entre os anos de 431 e 404 aC vai dar o tom deste final de século. Este "estado de guerra" –que se caracterizou por inúmeros conflitos localizados– termina por acentuar o esfacelamento dos valores democráticos ligados à *pólis* de Atenas. Sabemos que existe um distanciamento entre o valores "ideais" e como eles são compreendidos e efetivamente operacionalizados dentro do corpo social, que jamais é homogêneo. E no caso de Atenas, seu poderio e seu "equilíbrio" fora constantemente ameaçado mesmo antes deste conflito com Esparta, seja por potências estrangeiras como a Pérsia e a Macedônia, seja por outras *pólis* gregas na briga pela hegemonia do mundo grego. Porém, a partir do fim do V século aC e durante todo o IV século, essas ameaças vão representar um dado importante na desagregação não somente do poder efetivo de Atenas, haja vista que os gregos viram seus domínios caírem nas mãos dos Macedônios, com Filipe e Alexandre, mas na dos seus valores. E eram esses valores – como justiça, coragem, honra, honestidade, participação na política – que representavam o alicerce do que chamamos de ideal democrático *poliade*.

Em 404 aC Atenas conhece a derrota para Esparta mas, internamente, trava ainda uma batalha na tentativa de reaver ou reforçar os valores ligados à democracia. É nesse contexto que encontramos as principais referências à prática da corrupção.

### **O Ideal de cidadão e a corrupção**

Na sociedade *poliade* ateniense, comunidade que prezava a harmonia, o equilíbrio e a justa-medida, alguns valores eram esperados e exigidos de seus cidadãos. Estes valores formavam o cidadão bom, belo e justo. O cidadão ideal. Estes valores são apontados por Aristóteles na *Ética à Nicômaco* (ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*: II. 1-10; III. 1-12 ), como sendo (*andréia*), a temperança (*sophrosýne*), a bondade (*praótes*), a liberdade (*eleutheriotes*), a verdade (*alétheia*), a reserva (*aidós*), a justa indignação (*gémesis*), a amizade e o amor (*philia*), a piedade (*eusébeia*) e a disciplina (*eutaxia*), a honra (*time*) e a honestidade (*agathón*).

Qualquer violação a esses valores, tidos como mantenedores da ordem, representava um perigo a unidade dos cidadãos, sobre a qual repousava o ideal de *pólis* democrática. A presença do desequilíbrio era vista como uma ameaça a sobrevivência de todo o corpo cívico, de toda a *polis* dos atenienses. Ideologicamente, o bem comum suplantara o indivíduo. E uma desmedida (*hýbris*) poderia provocar uma contaminação (*miasma*) em toda a sociedade, desestruturando-a. Somente a obediência as leis e aos valores morais ou aos ritos religiosos poderiam promover a purificação (*katharsis*) e o retorno a ordem (*eunomia*).

O cidadão convivia portanto, paralelamente às leis que regiam a comunidade, com um conjunto de regras não escritas, reconhecidas por todos e ligadas à tradição e à moral. Estas regras de conduta estabeleciam uma relação social de honra, cuja punição se materializava na vergonha e na exclusão social. Honra e vergonha (*aidós*) regulavam o comportamento coletivo. Estes foram dois aspectos que norteavam a valorização da conduta social e definiam o que era bem social fortalecendo os compromissos coletivos e a pertença a mesma sociedade.

A partir daí podemos pensar o significado, para os atenienses, do ato da corrupção. Além da própria corrupção dos valores, a corrupção política era encarada como um rompimento com esses compromissos coletivos e, portanto, um rompimento com o ideal de coesão e bem comum. Se como dissemos, o que era esperado de um cidadão grego era que ele vivesse para a comunidade, podemos dizer também que receber dinheiro ou presentes para si, em troca de favores ou apoio político, era uma prática censurada pelos autores antigos que, de alguma forma, tocaram neste tema.

### **A corrupção na documentação**

O termo grego mais comumente usado para corrupção era *dorodokia*, literalmente, "ganho/aceitação de presentes". No período Micênico, sob a realeza, era comum a oferta de presentes ao Rei, assim como no período Homérico esta prática era aceita e esperada, presentear –*doron*–, como parte integrante de uma relação de amizade e hospitalidade. Para o período clássico, dentro do contexto político ateniense, esta prática ganha outro sentido. Se a democracia é o poder da maioria em prol da maioria, qualquer ato de promoção e privilégio de interesses particulares poderia servir para o esfacelamento da coesão social e do bem público.

Aristóteles dizia, em sua obra *Política*, que a acumulação de riquezas era normal e necessária tanto para os homens como para as cidades (ARISTÓTELES. *Política*: I, III, 1256<sup>a</sup> – 1257<sup>a</sup>) Mas o ganho ilícito, sobretudo se este advinha do dinheiro público, era bastante

criticado. As comédias teatrais são fontes importantes para conhecermos mais sobre esse assunto.

Aristófanes, não sendo exatamente um amante da Democracia ateniense não a poupou de críticas ácidas e bem humoradas às práticas de corrupção presentes na política. Em uma peça chamada *Os Cavaleiros* ele apresenta um personagem, um político – Pafaglônio – que apresentava desde criança características que haviam feito adivinhar nele um futuro político, ou seja, o roubo e a mentira. Aliás, Aristófanes contrói a idéia do roubo como um autêntico programa político camuflado, sob o discurso do interesse coletivo e do bem comum. Pafaglônio vocifera "*E eu a roubar, mas para o bem da cidade!*". E continua dizendo: "*(...)meti grandes somas do erário público. Apertei uns, espremi outros, abanei-os, borrifei-me para os interesses particulares, mas para te agradar [ao povo]*" (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*: vv. 774-778) Ele ainda é acusado de "distribuir" dinheiro público entre juízes e soldados para conseguir claros apoios políticos (ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*: vv. 51, 255, 800).

Platão em *A República*, na construção de sua cidade ideal também censura o recebimento de "presentes" (PLATÃO. *A República*: III. 390 d-e), lembrando ainda que o tragediógrafo Eurípides, na peça *Medeia*, cita o que seria um conhecido provérbio entre os atenienses: "*(...)os presentes até aos deuses convencem*" (EURÍPIDES. *Medeia*: v.964) É fácil perceber que a corrupção era igualmente repudiada pelos mais diversos autores e tratada como uma prática deformadora dos valores morais *poliades*.

Mas, podemos nos perguntar também sobre o que motivava o ato de corrupção. Olhando para o período clássico ateniense podemos apontá-la, talvez, antes como um sintoma de mudanças sócio-políticas, do que uma causadora de desagregação? A corrupção, neste contexto, apontava muito mais para o fato de que os cidadãos não estavam mais tão próximos das práticas políticas e participavam cada vez menos das Assembléias. O bem comum não era mais a prioridade. E é por isso que encontramos, neste período de crise, tantas referências e censuras a esta prática. Podemos compreender isso como uma tentativa de retomada dos valores tradicionais, uma chamada de atenção para o que estava acontecendo. Mas já era tarde.

### Referências Bibliográficas

COHEN, David. *Law, Violence and Community in Classical Athens*. Cambridge:

- Cambridge University Press, 1995.
- CORNFORD, F.M. *Antes y Despues de Socrates*. Barcelona: Ariel, 1981.
- COULET, C. *Communiquer en Grèce Ancienne*, Paris: Les Belles Lettres, 1996.
- FUKS, Alexander. *Social Conflict in Ancient Greece*, Leiden: Magnes Press, 1984
- GARLAND, Yvon. *Guerra e Economia na Grécia Antiga*. Campinas: Papirus, 1991.
- GERNET, L. *Anthropologie de la Grece Antigue*. Paris: Maspero, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Droit et Institutions em Grèce Antique*. Paris: Flammarion, 1982
- GUTHRIE, W. K. C. *The Sophists*. Great Britain. Cambridge University Press. 1993.
- HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. London: Duckworth, 1999
- JOHNSTONE, Steven. *Disputes and Democracy. The Consequences of litigation i in Ancient Athens*. Austin: University of Texas Press, 1999.
- MOMIGLIANO, A. *Os Limites da Helenização*. Trad. Claudia M. Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1990
- MOSSÉ, Claude. *Politique et Société en Grèce Ancienne: le modèle athenien*. Paris: Albin Michel, 1995
- \_\_\_\_\_. *La Fin de la Democracie Athenienne*, Paris: PUF, 1962
- \_\_\_\_\_. *Démosthène ou les ambiguïtés de la politique*. Paris: Armand Collin, 1994.
- OBER, Josiah. *Mass and Elite in Democratic Athens. Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*. New Jersey: Princeton University Press, 1989.
- ROBERTS, J.T. *Athens on Trial. The Antidemocratic tradition in western thought*. New Jersey: Princeton University Press, 1996
- TRACY, Stephan V. *Athenian democracy in transition: Attic letter-cutters of 340 to 90 bC*. London: California Press, 1995.
- TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Ensaio sobre a mobilização política na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- TRITLE, Lawrence A. *The Greek world in the fourth century: from the fall of the Athenian Empire to the successors of the Alexander*. London: Routledge, 1997
- VEGETTI, M. *L'Homme et les dieux*. In: *L'Homme Grec*. Vernant, J-P. (org). Paris: Sueil, 1993.